

# Artes Feministas

Artivismos



e Sul Global

Cláudia de Oliveira  
Paula Guerra

# A deusa asteca Tlaltecuhli: A vagina dentada

Partindo de alguns estudos que se debruçam sobre mitos femininos e masculinos, em culturas específicas, tomaremos como exemplo a análise de dois mitos entre os povos originários no continente americano: a deusa asteca Tlaltecuhli, a vagina dentada, do México e parte da Guatemala, e o mito das hipermulheres kuikuro no Alto Xingu, estado de Mato Grosso, Brasil. Ambos os estudos foram realizados por antropólogos que, através de suas etnografias, relatam o lugar da mulher em formas societárias específicas, deixando de lado o relativismo cultural e os esquemas generalizantes.

Na cultura Asteca, imperialista, militarista, sofisticada, complexa e rica, a imagem da deusa mãe e sua vulva/vagina é relacionada à castração masculina. Muitos antropólogos guatemaltecos e mexicanos se debruçaram sobre a construção do mito da vagina dentada - um dos mais potentes entre os vários povos que conformam a cultura Asteca. Por se tratar de um mito, podemos evidenciar questões extremamente paradoxais em relação aos papéis de gênero [Guerra & Lisboa, 2017], uma vez que Tlaltecuhli, a vagina dentada, é um Criador andrógino.

Num primeiro momento, a vagina dentada parece repetir o esquema de Eliade, mas logo dele se afasta ao referir que a deusa mãe - a Mãe Terra - não se apresenta de forma una em relação ao binarismo sexual, já que a potência feminina e masculina age em conjunto na construção da humanidade. O princípio criador dos seres e da sua manutenção depende dos dois polos, emergindo num processo cíclico regulador: germina o solo e gera sementes a partir das gotas do sêmen que se espalham pela terra. A Mãe Terra e a dicotomia feminino/masculino têm a propriedade de gerar a vida humana, alimentá-la e retirá-la, partindo de um processo circular que conjuga o nascer, o viver e o renascer. Contudo, curiosamente, segundo alguns estudos antropológicos, mesmo quando o mito encerra as duas potências - a masculina e a feminina -, permanece o medo masculino do princípio feminino.

Na figura 10 vemos a imagem esculpida que representa a deusa Tlaltecuhli no templo da Deusa Maior na Cidade do México. A deusa





Fig.10 Monolito da deusa Tlaltecuhltli, encontrado no Templo da Deusa Maior na Cidade do México em 2006. Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Tlaltecuhltli>, acessado em 15/03/2021

encarna a vagina dentada. Nesse mito, a vagina deve devorar o órgão genital masculino para gerar a vida. Talvez aqui resida o medo masculino face à potência feminina.

O antropólogo guatemalteco Oswaldo Chinchilla Mazariegos, do Museu Popol Vuh da Universidad Francisco Marroquín, interpreta, no artigo “La vagina dentada: una interpretación de la Stela 25 de Izapa y las guacamayas del juego de pelota de Copán” [2010], o mito dos “Siete Guacamayos” [Sete Araras] e o relaciona com a figura que aparece na Stela 25 [Fig.

Fig.11 Desenho que reproduz a Stela 25, no Templo de Izapa, Guatemala.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Izapa\\_stela25.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Izapa_stela25.jpg), acessado em 15/03/2021



## 11.]

Izapa é um extenso sítio arqueológico localizado no estado mexicano de Chiapas, no município de Tuxtla Chico. Foi ocupada durante o período pré-clássico tardio por grupos de filiação étnica disputada, muito provavelmente Mixe-Zoque, embora talvez tenha havido um encontro com povos maias.

A cidade fica muito perto do vulcão Tacaná, que é uma das elevações mais importantes da Guatemala e marca a fronteira com o México. É possível que o nome de Izapa seja uma deformação da palavra nahuatl "Atzacua" [local do reservatório de água]. A apenas quatro quilômetros de Izapa, o curso do rio Suchiate traça a fronteira com a Guatemala.

Durante seu período de esplendor, este local foi um dos centros econômicos mais importantes da Mesoamérica. Apesar de não ser tão conhecido, Izapa é um dos centros mais importantes da história cultural mesoamericana. Descoberto há mais de 60 anos por José Coffin, e amplamente explorada entre 1961 e 1965, o sítio arqueológico de Izapa e muitas de suas esculturas foram abandonados. Izapa é também única pelos monumentos que ainda não foram descobertos, porque representa uma das primeiras cidades-estado, cujo surgimento é um tema crucial na investigação arqueológica. Para mais informações: <https://www.mexicodesconocido.com.mx/izapa-chiapas1.html>.

## 12.]

Popol Vuh [Wuj] foi traduzido como Livro do Conselho, Livro da Comunidade, Livro do Povo e O Livro Sagrado, é o relato de criação do povo Quiché [K'iché, em língua quiché – povo ameríndio, um dos grupos étnicos maias. Língua quiché, é uma língua mesoamericana da família das línguas maias]. Contém histórias das cosmologias, origens, tradições e história espiritual do povo maia. É considerado por muitos maias como o equivalente à Bíblia cristã e é mantido em profunda reverência por eles.

O manuscrito do Popol Vuh, do Newberry, é uma das mais conhecidas e possivelmente as primeiras cópias sobreviventes.

A nobreza quiché provavelmente escreveu o manuscrito original do Popol Vuh em meados do século XVI, na língua Quiché, usando a ortografia latina. O Popol Vuh do Newberry provavelmente foi copiado desse manuscrito original [agora perdido] em 1701-03, na cidade guatemalteca de Chichicastenango, pelo padre dominicano Francisco Ximenez [Popol Vuj [Wuj], in Saberes Ancestrais e Tradicionais, s/d].

## 13.]

Esse mito também foi estudado pelo antropólogo Levi-Strauss, no livro O cru e o cozido [2010].

11] do templo de Izapa<sup>11.]</sup> e, também, com uma descrição no relato de criação do povo Quiché intitulado Popol Vuh<sup>12.]</sup>. Mazariegos cita a descrição do ventre do pássaro como um dos motivos que o levou a relacioná-lo ao mito da vagina dentada, uma vez que de seu ventre parte uma serpente, que é uma das representações da deusa Tlaltecuhli.

Já o antropólogo mexicano Félix Báez-Jorge [2010], estudioso das mitologias mexicanas [Asteca] e do mito de Tlaltecuhli, afirma que essa entidade mítica é andrógina, e se caracteriza por ter uma boca que representa uma vagina terrestre, uma faca e um pênis gerador<sup>13.]</sup>. Tlaltecuhli, a vagina dentada, comia a carne e o sangue dos mortos para, posteriormente, dar à luz um novo estado para onde os mortos iriam, de acordo com o seu sexo. Como deidade andrógina, tinha o poder de desempenhar um duplo papel, de criador[a] e de destruidor[a]; pois, ao mesmo tempo que destruía o corpo, dava à luz as essências do indivíduo para um novo destino. Por isso, Tlaltecuhli era frequentemente representada em posição de parto, ou acorçada, como sinalizou Beauvoir, ao estudar as esculturas da mulher no Neolítico.

Nesse sentido, também nos parece relevante fazer um paralelismo com Enuma Elish, o mito de criação babilônico [Xiang, 2018], um dos principais mitos de criação da antiga Mesopotâmia, o qual remete aos mundos primitivos e à dicotomia homem/mulher. Nesse mito, Apsu significava a água fresca/água do rio, isto é "o marido", enquanto Tiamat representava a água do mar e, por sua vez, "a mulher". No mito, as duas águas se misturavam e davam origem a várias gerações de deuses, que são descritos como inquietos e insuportáveis. Nesse mito, Tiamat – a mulher – é descrita como uma alma sensível, mas repleta de poderes, poderes esses que assustam outros deuses "homens", por os superarem. Além disso, Tiamat também é retratada nesse mito como uma mãe carinhosa, protetora dos seus "filhos", algo que é especialmente evidente quando ela se revolta face à ideia de Apsu de cometer infanticídio [Xiang, 2018]. Na verdade, ainda segundo Xiang [2018], o mito de Enuma Elish serviu largamente ao fomento de uma ideologia sexista e misógina pelo governo da Babilônia.

Os mitos aqui apresentados fazem com que mergulhemos num mundo terrível e surpreendente, no qual a mulher é um ser maligno, responsável pela corrupção e a desgraça do homem; mas sua interpretação nos permite questionar tais visões sobre a mulher e compreender melhor as raízes do papel que ainda hoje ela ocupa na vida social.

O rito de passagem na cultura asteca, segundo Báez-Jorge [2010], é essencial para que o indivíduo possa renascer na sua nova condição: ele precisaria ser devorado para renascer. Ainda segundo a interpretação de Báez-Jorge, essa narrativa constitui-se num elemento de medo e frustração, relacionando o nascimento e a morte, que se encontram na boca do "monstro da terra" ou Tlaltecuhli, a devoradora de homens. Na tradição Nahua de San Miguel Acuexcomac [povoado próximo à cidade de Puebla/México], a vagina dentada surge numa narrativa em que o homem gera e a mulher se multiplica. Ele deposita a semente e ela se encarrega de fazê-la crescer. Assim, da mesma forma que o camponês deposita na terra a semente que as primeiras chuvas conseguirão fazer germinar [Báez-Jorge, 2010:27], a mulher acolhe a semente do camponês para depois fazê-la germinar e crescer.

Nos rituais otomi [povo habitante da zona central do México], o órgão sexual feminino está associado à cor vermelha, típica do sangue menstrual e do sacrifício e, por isso, Ihe é atribuída uma função devoradora e destruidora da identidade. Segundo Báez-Jorge, que parte da pesquisa do antropólogo francês Jacques Galiner, estudioso da cosmologia do povo otomi, a imagem do sacrifício tem múltiplas representações; em particular, aquela que alude ao combate que opõe homem e mulher, uma vez que os “dentes” vaginais são chamados de s'aphi, ou seja, armas [Báez-Jorge, 2010:35]. Por outro lado, o aparelho vaginal é duplamente sexuado, pois acredita-se que o sangue sacrificial [menstrual] é o fluido espermático de seu próprio pênis: na dualidade dessa representação reside a ambivalência do Diabo, num nível simbólico com características vaginais [Báez-Jorge, 2010:36]. Examinando essas conotações simbólicas, esse autor considera a hipótese de que a extensão e a intensidade dos tabus menstruais sejam determinadas significativamente pela “intensidade do desejo de castração sentido pelos homens” [Báez-Jorge, 2010:38, tradução das autoras]. O ato castrador é a condição que permite a fusão do herói no líquido amniótico, denominado lago ou lagoa. Báez-Jorge explica que na mentalidade dos Otomis o pênis é o duplo do homem, ou seja, o seu alter ego: “tem a propriedade de ser desprendido, pois durante o ato de amor é absorvido e engolido pelo universo feminino”. O autor sublinha, ainda, que a mulher “come” o pênis, que “mata o homem para permitir o nascimento da vida” [Báez-Jorge, 2010: 35, tradução das autoras].

Consequentemente, a castração aparece como o outro nome para sacrifício. Para o autor - sempre seguindo as análises de Galiner - a castração, do ponto de vista Otomi, representa uma lei inescapável da realidade e se relaciona a todas as espécies vivas do universo.